



O GOVERNO E OS GRANDES AGRÁRIOS FASCISTAS ESTÃO DE MÃOS DADAS CONTRA OS INTERESSES DA NAÇÃO!

O ministro da Economia teve há pouco uma reunião em Portalegre com os grandes agrários fascistas do Alentejo.

Os senhores da terra alentejana fizeram várias exigências. Sobre o trigo, exigiram subsídios de sementeira e a garantia do aumento de preço para a próxima colheita. Sobre o azeite, criticaram a tabela actual e exigiram a livre exportação, não falando em acabar com o racionamento. Sobre a batata, pediram 1340 por quilo. Pediram também auxílio técnico e fizeram ainda outras exigências sobre vários produtos. E, finalmente, EXIGIRAM UMA GUARDA RURAL E O ABAIXAMENTO DAS JORNAS QUE, NAS SEMENTEIRAS, ESTÃO SENDO DE 6000 E DE COMER!

Fizeram todas estas exigências porque, segundo eles, a lavoura alentejana está arruinada e precisa de todas essas garantias. Mas o que eles não disseram é que são os donos do Alentejo, com mais de um terço em pousio e grandes extensões de incultos, que têm milhares de contos arrecadados nos bancos, nem disseram quantos automóveis de luxo possuem. NENHUM DESTES AGRÁRIOS FASCISTAS PEDIU REMÉDIO PARA A SITUAÇÃO DOS PEQUENOS E MÉDIOS PROPRIETÁRIOS, QUE ESTÃO REALMENTE ARRUINADOS. PRECISAM DE CRÉDITOS FÁCEIS, BARATOS E A LONGO PRAZO PARA RECOMPOR A SUA VIDA. NÃO FALARAM DA SITUAÇÃO DOS RENDEIROS E SEAREIROS, QUE SEMEIAM E COLHEM O TRIGO SENDO O SUBSÍDIO DE CULTURA PARA OS GRANDES AGRÁRIOS. NÃO DISSERAM QUE O LATIFÚNDIO É UM CANCRO QUE ESTORVA O DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA E DE TODA A ECONOMIA NACIONAL. E QUANDO FALARAM NOS CAMPONESES SEM TERRA FOI PARA EXIGIR A BAIXA DAS JORNAS E A GUARDA RURAL PARA PRENDER OU ASSASSINAR (COMO JÁ TEM ACONTECIDO) QUALQUER CAMPONEZ QUE PARA MATAR A FOME APANHA UM PUNHADO DE BOLOTAS!

Fazendo tais exigências, os agrários fascistas revelaram-se uma vez mais inimigos do povo e da Nação. Se eles conseguissem o que pedem, isso representaria um maior encarecimento do custo da vida, um maior e mais rápido empobrecimento da Nação, a ruína completa dos pequenos e médios proprietários, dos rendeiros e seareiros e a escravidão das classes trabalhadoras da cidade e do campo.

Nesta reunião, os grandes lavradores fascistas, que nunca pegaram numa fofoa nem abriram um sulco na terra, mas que exploram os que a trabalham, tiveram o descaramento de afirmar ao ministro que ele estava ali "em contacto com os homens da terra, com o herói da planície que cultiva e recolhe o pão"! A verdade é que os verdadeiros representantes da lavoura alentejana não estavam ali, nem o governo os queria lá.

Se o governo tivesse convocado delegações de camponeses sem terra, de seareiros, de rendeiros e de pequenos e médios proprietários, estes teriam dito que para acabar com a fome nas cidades e nos campos será necessário obrigar os grandes latifundiários a cultivar toda a terra que têm abandonada, a receber menores rendas (e em dinheiro, não em semente) e a pagar melhores jornas. Por outro lado, teriam exigido adubos a tempo e horas, não só para os grandes mas para todos, teriam exigido créditos e protecção do governo. E os verdadeiros representantes da lavoura alentejana assegurariam ao ministro que poderíamos produzir o trigo suficiente para abastecer o país nas condições actuais. E teriam também declarado que só os grandes agrários não cultivaram a terra, ela deve ser distribuída pelos camponeses pobres e remediados que, com créditos e auxílio técnico do Estado produzirão o trigo necessário e outros produtos agrícolas. Quando o ministro pediu o "sacrifício" da lavoura produzindo mais trigo, teriam respondido que isso não representa qualquer sacrifício, pois o país pode produzir o trigo necessário, como sucedeu em 1934, em que se produziram 673.200 toneladas, em 1935, em que se produziram 632.000, etc, o que chegou e sobrou para as nossas necessidades. Eles teriam dito ao governo que se agora são precisas, segundo o ministro da Economia, 675.000 toneladas, elas poderão ser produzidas sem custo, se se tomarem as medidas apontadas acima. Teriam dito mais que se o país não tem produzido o trigo suficiente é também por causa das medidas tomadas em 1936 pelo governo e pelos grandes agrários, que restringiram a cultura do trigo no país para fazerem cambalacho com o trigo estrangeiro, em que ministros, alguns agrários e industriais de panificação ganharam milhares de contos à custa do povo português! Eles teriam dito também que se o trigo falta é porque não existe protecção à lavoura mas apenas aos grandes agrários.

E fica assim rapidamente demonstrado que a reunião de Portalegre teve apenas fins de propaganda e demagogia, com vistas a enganar o povo e a desviar a atenção do país do problema fundamental, que é a produção do trigo necessário para satisfazer as nossas necessidades. Fica assim demonstrado que o governo de Salazar está de mãos dadas com os agrários fascistas e que uns e outros, embora falem muito de Portugal, são verdadeiros traidores à Pátria e que acima de tudo

põem os seus próprios interesses, desprezando os da Nação!

Fica assim demonstrado que os pequenos e médios proprietários, os rendeiros, os secundeiros e os camponeses assalariados nada de bom podem esperar de tal governo que vira as costas aos interesses nacionais para servir os agrários fascistas.

Fica assim demonstrado que só lutando contra a exploração e a miséria e por um governo de Unidade Nacional, representante dos interesses nacionais poderemos conquistar um futuro mais próspero e mais feliz.



MAIS LUTAS E MAIS VITÓRIAS

Os camponeses alentejanos continuam a lutar contra a exploração e a miséria. Esta luta é cada vez mais necessária. Ali onde houver uma tentativa de exploração, os camponeses devem unir-se e lutar. E sempre que lutamos UNIDOS conquistamos vitórias.

Assim, em S. Cristóvão do Alentejo, o fascista Varela Cid mandou contractar homens a 14000. Os camponeses exigiram 26000. Como não conseguia pessoal, teve de dar aos 26000. Mas os camponeses souberam que ele ia mandar vir pessoal de fora por meios fincheiros e exigiram trabalho garantido até ao fim. O Varela Cid teve de ceder perante a decisão das valentes camponesas de S. Cristóvão.

Em Lavrão o agrário fascista João Prado, que só de cortiça colheu 200 mil arrobas, quis contractar homens a 16000. Todos se negaram e teve de subir para 18000. Pouco depois, não conseguindo pessoal suficiente, teve de pagar 26000.

Um lavrador do Ribatejo contratou ranchos de S. Torcato e Fornos da Branca para trabalharem em S. Anterém e Rio Maior, com a jorna de 21000 para os homens e 13000 para as mulheres. Quando ali chegaram, viram os camponeses de Rio Maior em greve, exigindo o salário de 26000 para os homens e 13000 para as mulheres. Os camponeses UNIDOS uniram-se aos grevistas e exigiram a mesma jorna. Porante esta firme UNIDADE de todos, os lavradores tiveram de dar as jornas que os camponeses exigiam.

Em Caminha da herdade da Espirra, o capataz José Pedro quis obrigar os camponeses a começar o trabalho já almoçados para não dar a lenha para o almoço nem o descanso. As camponesas protestaram e o capataz insultou-as. Todo o rancho se indignou contra o fazendeiro José Pedro exigindo-lhe moderação na língua e negando-se a trabalhar em tais condições. O capataz foi obrigado a calar-se e a dar a lenha e o descanso de costume aos trabalhadores.

AVISO AOS COMERCIANTES DAS CIDADES, VILAS E ALDEIAS ALENTEJANAS

Todas conhecemos os roubos que o salazarismo vem fazendo ao povo sobrecoadando-o de impostos e como a maior parte desse dinheiro não tem sido empregado em obras de interesse nacional mas em luxos desnecessários, etc. Por exemplo, o governo arrecadou e gastou indevidamente centenas de milhares de contos das Orlas da Providência. Agora, os operários exigem por toda a parte a assistência a que têm direito e que não lhes é prestada.

Para evitar ser desmascarado, o governo resolveu arranjar dinheiro de qualquer maneira e procura tirar do comércio a receita necessária para cobrir parte dos seus défalques. O governo pretende que todos os comerciantes que trabalhem no balcão paguem para a Providência como patrões e empregados e não de agora mas de agora mesmo!

Esta medida fascista tem levantado os maiores protestos e a maioria dos comerciantes recusou-se a pagar, tendo aliás recorrido aos tribunais das comarcas, que lhes dão razão; mas o governo tem apelado para os tribunais superiores, compostos por fascistas, que dão razão ao governo. De assim, os comerciantes negam-se a pagar e o governo, tendo o protesto geral, não se atreve a empregar a força. Os comerciantes da Orla chegaram a uma Comissão e estão lutando abertamente contra o roubo. Há localidades inteiras onde nenhum comerciante paga.

É preciso que esta luta seja cobrada por todos os comerciantes. Se todos se negarem a pagar, o governo recuará. Em todas as localidades os comerciantes se untem e combinam não pagar para a Orla da Providência como empregados e patrões, ao mesmo tempo!

AS COMISSÕES DE PRAÇA SÃO ORGÃOS VIVOS E DE UNIDADE!

As Comissões de Praça são organismos legais da UNIBABE que devem estar sempre em contacto com todos os camponeses da sua localidade e defender os seus interesses junto da Casa do Povo, dos patrões e das autoridades.

Nas concentrações, as Comissões devem acompanhar os camponeses. As Comissões de Praça devem ser organismos vivos. Se há trabalho, devem lutar por boas jornas. Se não há, devem lutar pela sua libertação.

É preciso dar mais vida às Comissões existentes e formá-las em todas as localidades. Este é o caminho indicado para a Unidade camponesa!

No próximo jornal publicaremos a quantia recebida para "O CAMPEON" impresso. Camponeses! Continuai a auxiliar o vosso jornal!